

O Problema da Unidade da Cultura Europeia: Auerbach e Curtius¹

The Problem of the Unity of European Culture: Auerbach and Curtius

*Patrícia Reis*²

¹ Agradeço a leitura atenta e os excelentes comentários de André Martins, dos quais este artigo se beneficiou. Igualmente, os apontamentos e sugestões de Gabriel Vertulli e Mark Minnes.

² Doutora em História pela PUC-Rio e professora temporária de Teoria da História na UNICAMP.

RESUMO

A geração de filólogos alemães da primeira metade do século XX interpretou os eventos políticos, sociais e culturais de seu tempo nos termos de uma *crise europeia*. Tal situação evocaria uma *urgência*, uma tarefa que, a seu ver, poderia ser enfrentada de modo eficaz pela Filologia Românica. Naturalmente, essa crise remete aos eventos políticos imediatamente anteriores: a ascensão do Nacional-Socialismo, a Segunda Guerra Mundial e o exílio, mas não apenas. Ela traduz, também, as transformações culturais em curso, o surgimento da estética modernista e o desaparecimento gradativo de um mundo cuja unidade era o pressuposto fundamental. A função da filologia, disciplina construída sobre os pilares do idealismo e do romantismo alemão, seria recuperar o sentido dessa totalidade para a Europa contemporânea, recolocando os clássicos em seu lugar devido e opondo aos partidarismos político-nacionais o cosmopolitismo próprio da cultura ocidental. Essa tarefa restauradora teve como ideal o resgate da Idade Média latina, anteriormente desprestigiada pela sobriedade da estética iluminista e neoclássica. Dante Alighieri foi exemplar, nesse sentido: um modelo estético, político e moral para a Alemanha contemporânea. Este artigo evidencia a relevância que o poeta assumiu na reflexão de dois destacados romanistas – Erich Auerbach e Ernst R. Curtius – em seus escritos da década de 1930.

PALAVRAS-CHAVE: Filologia Românica; Dante Alighieri; Erich Auerbach; Ernst R. Curtius; crise europeia.

ABSTRACT

The generation of German philologists of the first half of the 20th century interpreted the current political, social, and cultural events in terms of a *European crisis*. Such a situation would evoke an urgency, a task that, in their view, could be effectively addressed by Romance Philology. Naturally, this crisis refers not only to the immediately preceding political events – the rise of National Socialism, the Second World War and the exile –, but also the ongoing cultural transformations, the emergence of modernist aesthetics and the gradual disappearance of a world whose unity was the fundamental assumption. The function of Philology, a discipline built on the pillars of German Idealism and Romanticism, would be to recover the meaning of this totality for contemporary Europe, restoring the classics to their rightful place and opposing national-political partisanship with the cosmopolitanism of Western culture. This restorative task had as its ideal the rescue of the Latin Middle Ages, previously discredited by the sobriety of the Enlightenment and Neoclassical aesthetics. Dante Alighieri was exemplary in this sense: an aesthetic, political, and moral model for contemporary Germany. This article highlights the relevance that the poet assumed in the reflections of two prominent Romanists – Erich Auerbach and Ernst R. Curtius – in their writings of the 1930s.

KEYWORDS: Romance Philology; Dante Alighieri; Erich Auerbach; Ernst R. Curtius; European crisis.

Uma renovação restauradora: o lugar de Dante nos textos dos anos 1930

„Methode ist Erlebnis“ [“Método é vivência”] (SPITZER, L. 2015, p. 1 [1948]): eis o modo como, citando Friedrich Gundolf (1880-1931), o linguista Leo Spitzer (1887-1960) definiu o procedimento crítico da “nova filologia” humanista, da qual ele mesmo era praticante. Naquela ocasião, Spitzer buscava definir as bases que distinguiriam a sua prática e a de seus contemporâneos da tendência positivista da filologia tradicional conduzida por seus mestres. No lugar de uma análise eminentemente descritiva dos elementos materiais e quantificáveis que compõem os textos literários, a nova geração de filólogos pós-1930 assumiria uma postura interpretativa em relação aos textos, imiscuindo à compreensão das obras as suas vivências particulares. “Eu escolhi relatar-lhes minhas próprias vivências, inclusive, porque a abordagem básica do intelectual como indivíduo, condicionado como é por suas primeiras experiências, por sua *Erlebnis*, como os alemães dizem, determinam o seu método[...].” (Idem, *ibidem*. Minha tradução).

Enquanto conformadoras de uma determinada visão de mundo, essas primeiras experiências permitiriam reunir em um único projeto crítico perspectivas tão distintas quanto as de Spitzer, Benedetto Croce (1866-1952), Ernst Robert Curtius (1886-1956) e Erich Auerbach (1892-1957). Observem-se as palavras deste último na introdução de *Literatursprache und Publikum in der lateinischen Spätantike und im Mittelalter* [*Linguagem Literária e seu Público no Fim da Antiguidade Latina e na Idade Média*]:

Os fragmentos que se seguem – assim como meu trabalho como um todo – brotam dos mesmos pressupostos que os deles [os estudiosos acima mencionados]. Minha obra, entretanto, mostra uma consciência muito mais clara da *crise europeia*. Em fase

prévia, e a partir daí com crescente urgência, deixei de olhar para as possibilidades europeias da filologia românica como meras possibilidades e passei a considerá-las como uma *tarefa específica de nosso tempo* – uma tarefa que não poderia ter sido prevista ontem e que não será mais concebível amanhã. (AUERBACH, E. 1965, p. 5. São meus os grifos, o adendo e a tradução)

Ora, Auerbach fala de uma *crise europeia* , de uma circunstância localizada temporal e espacialmente cuja consequência teria sido, para ele, o despertar de uma *urgência* circunscrita às *possibilidades europeias da filologia românica* . Naturalmente, essa crise remete aos eventos políticos imediatamente anteriores: a ascensão do Nacional-Socialismo, a Segunda Guerra Mundial e o exílio, mas não apenas. Ela remete, também, às transformações culturais em curso, ao surgimento da estética modernista e ao desaparecimento gradativo de um mundo cuja unidade era o pressuposto fundamental. A tarefa da filologia, disciplina construída sobre os pilares do idealismo e do romantismo alemão no século XIX, seria traduzir o sentido dessa totalidade para a Europa contemporânea, recolocando os clássicos em seu lugar devido e opondo aos partidarismos político-nacionais o cosmopolitismo próprio da cultura ocidental. Esse teria sido o objetivo maior que, em retrospecto, os intelectuais acima mencionados impuseram às suas reflexões.

Nos quadros da Romanística, essa função restauradora teve como ideal o resgate da Idade Média latina, anteriormente desprestigiada pela sobriedade da estética iluminista e neoclássica. Seguindo a redescoberta e a canonização romântica das obras literárias medievais, os romanistas das primeiras décadas do século XX encontraram em Dante Alighieri um modelo estético, político e moral para a Alemanha contemporânea. Tendo esse cenário como ponto de partida gostaria de evidenciar, nesse artigo, a relevância que Dante assumiu na reflexão de dois dentre os filólogos anteriormente mencionados – Erich Auerbach e Ernst R. Curtius – em seus escritos da década de 1930. Refiro-me, notadamente, a *Figura* (1938), aos artigos de Curtius que tematizaram Dante e a *Divina Comédia* e ao

polêmico livro *Deutscher Geist in Gefahr* (1932) [*O espírito alemão em perigo*]. A escolha, como se verá, é justificada: desde os anos 1920, a crítica acadêmica e não acadêmica revisitava o poeta florentino com entusiasmo, tanto que o ano de 1921 ficou conhecido na história da recepção alemã como o “Ano do jubileu de Dante” [*Dantes Jubiläumsjahr*], devido aos eventos e publicações que comemoravam os seiscentos anos de sua morte. Para os leitores contemporâneos de Dante, a *Divina Comédia* era algo como um pergaminho do passado, preenchido com caracteres hieroglíficos, misteriosos, inestimável por seu conteúdo e raridade, aguardando no presente quem o pudesse decifrar³.

Desde os primeiros estudos de Auerbach voltados à literatura, Dante vinha sendo uma preocupação central. Em 1921, publicou o artigo “Zur Dante-Feier” [“Sobre a celebração de Dante”], e, em 1929, a tese *Dante als Dichter der irdischen Welt* [*Dante como poeta do mundo terreno*]. Já nos escritos de Curtius o poeta só teria destaque na década seguinte, muito embora, nos artigos dos anos 1930 e no livro *Deutscher Geist in Gefahr* já fosse possível encontra-lo de maneira mais indireta, como uma referência importante que no futuro integraria o argumento principal de seu maior estudo. Em *Literatura europeia e Idade Média Latina* (1948) Curtius buscará opor ao programa moderno de “destruição da *Bildung*” uma noção de Europa enquanto “unidade de sentido”, como um todo cultural que teria origem na Antiguidade e seguiria até a era contemporânea, valendo-se da Idade Média Latina como ponte. Meu objetivo será avaliar o modo como a análise de Auerbach e Curtius, nos anos 1930, estava impregnada pela experiência do presente, de maneira a desenhar um projeto crítico e cultural partilhado pelos romanistas de orientação humanista de seu tempo, não obstante a peculiaridade de suas perspectivas. Nessa ótica, o interesse partilhado em Dante ia além da percepção de um valor estético e histórico em sua poesia, mas

³ Refiro-me aqui à passagem no texto de August W. Schlegel em: SCHLEGEL, August Wilhelm. „Über Dante und die göttliche Komödie“. In. BÜRGER, G. A. *Akademie der Schönen Redekünste*, vol.1, parte 3, 1791. p 239-301.

aludia a um modo de traduzir esse presente que anseia restaurar o passado, nos termos de uma unidade perdida.

Exortação à Lembrança⁴

Este livro foi escrito em Istambul, em 1943[...]; todavia rogo aos leitores críticos que, ao examiná-lo, lembrem-se do momento em que foi escrito e da finalidade a que se destinava. Essa finalidade é que explica, outrossim, certas particularidades do plano, como, por exemplo, o capítulo acerca do cristianismo. (AUERBACH, 2015, p. 7)

Ainda que o livro mencionado por Auerbach na citação acima fosse *Introcuction aux études de philologie romane* [Introdução aos Estudos Literários] (1949) seu comentário poderia facilmente ser atribuído à *Figura*, publicado pela revista *Archivum Romanicum* alguns anos antes. “Lembrem-se do momento em que foi escrito e da finalidade a que se destinava”, pois esse horizonte, declarou o filólogo, justificaria a escolha do cristianismo como tema de investigação. Nos anos 1930 a filologia alemã fora absorvida pela ideologia racial nazista, fato intensificado após a tomada do poder pelo nacional-socialismo em 1933. Nesse período, intelectuais nazistas promoveram uma ampla campanha em favor da retirada do Antigo Testamento do cânone cristão e do apagamento de qualquer traço da cultura judaica sobre as origens históricas nacionais. Avihu Zakai e David Weinstein caracterizaram a filologia ariana da seguinte maneira:

Baseada nas lendas e mitologias de “sangue, povo e terra” – *Blut und Boden* foi o maior slogan da ideologia racial nazista, concentrando na etnia os sentidos de sangue, povo e pátria [*Heimat*] – a filologia ariana foi uma variante particularmente racista, chauvinista e anti-humanista que buscou construir novas origens arianas para o povo alemão, formar um novo cristianismo germânico ou nórdico e rejeitar e eliminar o Antigo

⁴ Emprego, nas citações a “Figura”, a excelente tradução de Leopoldo Waizbort, a quem registro meu agradecimento, disponíveis em breve pela Editora 34.

Testamento do cânone cristão. Dessa maneira, desejava-se construir novas origens, objetivos e metas para a história do povo alemão em particular, e para a civilização ocidental em geral. Grande parte das obras de Auerbach, mais especificamente “Figura” e *Mimesis*, foi dirigida contra as premissas racistas, chauvinistas e antissemitas da filologia ariana (ZAKAI, A.; WEINSTEIN, D, 2012, p. 322, minha tradução).

A exoneração de funcionários judeus dos serviços públicos alemães pelo decreto de 1935 – em particular nas universidades e centros de pesquisa – seguiu essa mesma diretriz, um programa pensado para erradicar a participação judaica no tecido cultural, religioso e histórico do país, criando-se, para tanto, um novo repertório simbólico que se desejava puro e original. Um dos intelectuais mais influentes do nacional-socialismo, Alfred Rosenberg (1893-1946), foi um antissemita declarado e inimigo implacável do cristianismo. No livro *Der Mythos des XX. Jahrhunderts [O mito do século XX]* (1930) ele defendeu a criação de uma nova religião fundamentada nos princípios de raça e sangue. A seu ver, os preceitos universais da fé cristã – como, por exemplo, salvação e graça – seriam absolutamente dispensáveis para os povos nórdicos, uma vez que a justificação de sua existência não solicitava qualquer imperativo exterior, senão que uma determinação interna ditada pela etnia⁵. A atitude reticente de Rosenberg frente ao cristianismo devia-se, sobretudo, ao atravessamento da história e da fé judaica nos princípios fundamentais da religião. Em seu livro, demonstrou certa simpatia por Jesus Cristo, e por isso, negou-lhe a origem hebraica vista como um falseamento perpetrado pela igreja romana, cujo objetivo era fabricar um messias humilde e submisso. Para ele, a integridade e a elevação do caráter de Jesus deixariam claras sua pertença à linhagem nórdica, e o judaísmo só teria se

⁵ John J. Coyne escreveu um artigo esclarecedor acerca do papel de Rosenberg como entusiasta de uma nova religião ariana. Cf. COYNE, J.J. “Alfred Rosenberg as German Prophet”. In. *Studies: An Irish Quarterly Review* Vol. 24, No. 94 (Jun., 1935), pp. 177-188.

conectado à religião cristã por efeito de artimanhas teológicas. Erradicar o Antigo Testamento das Escrituras seria, então, um acerto de contas com a verdade.

Tais ideias renderam ao livro de Rosenberg a inclusão no *index* de escritos proibidos pelas autoridades católicas em 1934, muito embora, no ambiente do cristianismo, o argumento em favor da exclusão do Antigo Testamento tivesse encontrado algum espaço. No ano de 1931, teólogos católicos e protestantes pró-nazismo, que desde a década anterior agiam de modo independente, organizaram-se em torno do movimento *Deutsche Christen* [Cristãos alemães]. O grupo liderou uma manifestação no *Sportpalast* de Berlim em 1933 à qual compareceram milhares de apoiadores, cujas demandas abarcavam a exoneração de pastores contrários ao partido e a retirada dos livros hebraicos da Bíblia (ZAKAI, A.; WEINSTEIN, D, 2012, p. 323).

No que se refere à posição da filologia nesse debate, a *Gleichschaltung* [uniformização] nacional-socialista encarregou-se de garantir que as cátedras universitárias fossem integralmente ocupadas por acadêmicos alinhados ao arianismo, relegando as dissidências teóricas ao exílio ou a um lugar marginal. Diante dessa conjuntura, assumo como ponto de partida o argumento de Zakai e Weinstein segundo o qual “o texto ‘Figura’ de Auerbach pode ser descrito como uma apologia do Antigo Testamento numa época de crise da filologia alemã e triunfo da filologia ariana após a revolução nazista de 1933” (Idem, *Ibidem*. Minha tradução). Dito de outro modo, nesse texto o filólogo emularia a missão de Tertuliano contra os “marciãos”⁶ da Alemanha contemporânea, defendendo a

⁶ Marcião de Sinope (85-160) foi um importante padre dos primeiros anos da igreja católica. Suas proposições a respeito da existência de dois deuses distintos – aquele retratado no Antigo Testamento, e o outro revelado no Novo –, conhecida como o “marcionismo”, resultou na sua excomunhão e na classificação da sua teologia no grupo das heresias. Além disso, Marcião não reconhecia a sacralidade dos livros do Antigo Testamento, considerando-os apenas uma compilação das leis e dos costumes judaicos. Esta última questão levantou a necessidade, entre os Pais da Igreja, da definição de um corpus literário único, reconhecido por toda a comunidade religiosa como a Verdade revelada, tarefa assumida com afinco por Tertuliano (160-220). Sobre Marcião, ver: HANSEN, J. A. *Alegoria. Construção e Interpretação da Metáfora*. São Paulo: Atual, 1987, p. 48. Ver, também: COSTA LIMA, L. “Entre realismo y

correspondência incontestável que a intelectualidade medieval construiu entre a tradição hebraica e a cultura do Ocidente.

Não se trata aqui de creditar a Tertuliano qualquer opinião engrandecedora do judaísmo. James I Porter recordou que, para o teólogo, a permanência dos textos hebraicos na Bíblia estava condicionada a sua submissão à autoridade dos Evangelhos (PORTER, J. I. 2017, p. 80-113). Ademais, em *Adversus judaeos* (200-201) ele teria expressado uma opinião derrotista relativa à história hebraica, na qual os reveses que enfrentaram comprovavam a ausência da proteção divina. De modo que a tarefa de Tertuliano fora reassumida por Auerbach no século XX sob condições distintas e com finalidades específicas. Na posição de filólogo, a conservação dos textos do Antigo testamento se lhe apresentava como pressuposto elementar para a defesa da unidade cultural e literária do Ocidente; como intelectual judeu exilado, todavia, prestava-se à afirmação de uma agenda humanista posta em prática através da ação erudita no mundo. Algo nesse sentido foi sustentado por Edward Said na seguinte consideração crítica de “Figura”:

Assim, por toda a complexidade da sua argumentação e pela minúcia das provas enigmáticas que frequentemente apresenta, Auerbach, creio eu, traz-nos de volta a uma doutrina que pode ser essencialmente cristã, para pessoas de fé, mas também um elemento crucial do poder e da vontade intelectual humana. Nisto segue a Vico, que olha para toda a história humana e diz, “o intelecto fez tudo isto”, uma afirmação que audaciosamente reafirma, mas também subtrai, em certa medida, a dimensão religiosa que dá crédito ao Divino (SAID, E. 2004, p. 24. Minha tradução).

figuración”. In.: *Histoya y grafía*, n.º 32, 2009, p. 109-129.

O lastro humanista da atividade acadêmica de Auerbach no exílio já foi suficientemente discutido e demonstrado pela crítica especializada⁷, tornando dispensável demorar-se nesse ponto. Com efeito, o que parece relevante para os interesses aqui assinalados restringe-se a acentuar as consequências práticas e teóricas que a escrita de “Figura”, entendida como vontade de intervenção de seu autor no presente, produziria em sua investigação sobre Dante. “Figura é algo real, histórico, que expõe e anuncia alguma outra coisa igualmente real e histórica. A relação mútua entre os dois eventos é reconhecível em virtude de uma concordância ou similitude” (AUERBACH, E. 2018, S. 65.): não à toa essa é uma das passagens mais citadas pela crítica, pelo poder de síntese que contém.

Depois de uma exposição etimológica e histórica do conceito de figura na antiguidade greco-latina, Auerbach analisou a maneira como, no século III, Tertuliano dedicou ao termo um novo significado na sua polêmica contra Marcião. À retirada do Antigo Testamento do cânone cristão ele opôs a asserção de sua legitimidade na história, através de um movimento interpretativo que operava por analogias. Assim como os diversos trechos de *Adversus Marcionem* citados pelo filólogo permitiriam observar, a interpretação figural da realidade seria o mecanismo responsável por conceber uma relação de interdependência entre a religião hebraica e o cristianismo. Para Auerbach esse vínculo não teria outra origem além do mundo concreto. Nem a Providência, nem a razão, nem mesmo a linguagem ou qualquer abstração conceitual ou alegórica daria conta de comprovar a legalidade do Antigo Testamento para as Escrituras Sagradas, senão que uma coerência integralmente histórica. Os acontecimentos anteriores

⁷ Cito apenas algumas referências principais: ZAKAI, A. 2010; KONUK, K. 2008; BOVÉ, Paul A. 1988; BOVÉ, Paul A. 2006; GREEN, G. 1982; DAMROSCH, D. 1995; SAID, Edward. 2004; SAID, Edward. 2003; Um contraponto interessante, sobretudo à leitura de Said, apresenta-se no seguinte artigo: BARCK, K. 2009. Uma perspectiva diferente, mas complementar em todos os sentidos, ofereceu o sociólogo Leopoldo Waizbort ao propor a leitura de *Mimesis* enquanto o registro da “condição humana” em sua natureza incontestavelmente histórica. Cf. WAIZBORT, L. 2012.

a Cristo receberam de Tertuliano a função de anunciar as boas novas de Sua Encarnação e Evangelho, de modo que a realidade histórica dos fatos permanecesse intacta. Isso teria sido possível em virtude de um processo de dupla significação: as personagens e situações da tradição hebraica eram figuras, que para além de sua existência real e histórica, continham um conteúdo antecipatório ainda mais verdadeiro e concreto cumprido por Jesus no Novo Testamento.

Auerbach enfatizou a preferência dos teólogos da igreja nos séculos seguintes por certa materialidade na construção do conhecimento, ao contrário das “tendências espiritualistas” dos neoplatônicos. Em sua atividade exegética, a verdade, para constituir-se como tal, deveria passar pela averiguação histórica, pois nela Deus revelava seus mistérios e intenções para a humanidade. Essa forma de orientação do pensamento consolidou-se, segundo Auerbach, com Santo Agostinho, em cuja obra o mundo terreno da “cidade dos homens” exprimiu-se como sombra, *umbra futurorum* de uma existência mais verdadeira que se preencheria no além.

Embora originada no pensamento religioso, a interpretação figurativa da realidade explodiria seus limites ao integrar as artes, a poesia e a prática erudita de modo geral, tornando-se “a visão dominante na Idade Média europeia, embora em luta constante com tendências puramente espiritualistas e neoplatônicas” (AUERBACH, E. 2018, S. 86). E nesse sentido, Dante não seria uma exceção. De acordo com o filólogo, a *D.C.* teria sido integralmente edificada sobre a visão figural da realidade, fato a que se deve a fundamentação histórico-terrena que lhe corresponde. Essa ideia, afirmou, já estava presente em *Dante como poeta do mundo terreno* (1929), ainda que apenas parcialmente desenvolvida:

Em meu estudo *Dante als Dichter der irdischen Welt* procurei mostrar como Dante, na *Comédia*, procurou “apresentar o mundo histórico e terreno como um todo como já direcionado... como já submetido ao juízo definitivo de Deus e, com isso, fixado em seu

lugar verdadeiro, atribuído segundo o juízo divino. Dante realizou isso de modo a não subtrair das personagens singulares o seu caráter terreno, [...] identificando-o com o destino derradeiro.” Para essa compreensão, que já se encontra em Hegel e sobre a qual se baseia a minha interpretação da *Comédia*, faltava-me então o fundamento histórico preciso; ele é, no capítulo inicial do livro, mas intuído do que reconhecido. Agora creio ter encontrado esse fundamento [...] (AUERBACH, E. 2018, S. 86).

Esse *mea culpa* auerbachiano agiria simultaneamente como um argumento para sua absolvição. À época do lançamento da tese de 1929, as críticas mais contundentes partiram de Croce e de Vossler, que dentre outras coisas pontuaram a omissão do autor no tocante ao debate crítico contemporâneo e sua falta de precisão conceitual⁸. Quase uma década depois, Auerbach admitiu essa segunda fragilidade. A ideia capturada através da leitura de Hegel – isto é, a *Comédia* enquanto o grande testemunho da vida histórico-terrena – já fundamentava a sua abordagem pelo menos desde 1921⁹; todavia, o “como?” reclamado por Croce em tom provocativo seria, para a filosofia da expressão, muito pouco convincente até a publicação de “Figura”.

Curioso, contudo, é o silêncio de Croce frente ao novo modelo interpretativo auerbachiano. Romano Manescalchi notou uma atitude evasiva de Croce ao evitar qualquer tipo de comentário sobre os trabalhos mais recentes de Auerbach nas cartas que trocou com ele. Inclusive, negou ter recebido o exemplar de *Mimesis* enviado da Turquia pelo autor, fato contrariado pela sobrevivência

⁸ As opiniões de Croce e Vossler foram publicadas em resenhas, disponíveis em: CROCE, B. *La critica. Rivista di Letteratura, Storia e Filosofia diretta*. Vol. 27, 1929, p. 213-215; e VOSSLER, K. „Erich Auerbach. *Dante als Dichter der irdischen Welt*“. In. *Deutsche Literaturzeitung für Kritik der internationalen Wissenschaft*. 6, Januar-Juni. Berlin: Walter DeGruyter, 1929.

⁹ Em minha dissertação de mestrado, discuti as implicações da leitura hegeliana da *Comédia* nos trabalhos de Auerbach, aprofundando o debate que agora apenas enuncio. Cf. REIS, Patrícia da Silva. *Indivíduo e Destino: O Significado do Mundo Histórico no Dante de Auerbach*. Rio de Janeiro, 2015. Dissertação de Mestrado – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

do título no acervo da “Biblioteca de Croce” (MANESCALCHI, R. 2008, p. 5-23). Diante do reiterado silêncio do filósofo – que também não havia pronunciado uma palavra sobre os textos de *Neue Dantestudien* [Novos Estudos sobre Dante] (1944) enviados anteriormente – Auerbach decidiu expressar sua insatisfação da maneira mais delicada:

Eu lhe enviei, no final de 1946, um volume meu, *Mimesis*, publicado por Francke em Berna – fala-se e escreve-se muito sobre ele agora, em diversos países – pareceu-me que deveria lhe interessar. Mas vejo que você não encontra tempo, com tanto trabalho, na nona década de sua bela vida, para ler um volume de 500 páginas (Auerbach para Croce. 1977. [Carta de 07 de Abril de 1948]) [Minha tradução].

Em resposta, o italiano negou o recebimento do livro, acrescentando que “se o tivesse recebido, o teria lido, uma vez que é assunto meu. E, além disso, ainda me esforço para manter-me informado, como quando era jovem” (Croce para Auerbach. [carta de 12 de Abril de 1948]). Manescalchi reconstruiu esse diálogo com ênfase na reivindicação crociana do tema de *Mimesis* como assunto de sua alçada. Dadas as comprovações de que o material enviado por Auerbach chegou, sim, às mãos do filósofo, seu silêncio teria origem, argumentou Manescalchi, no fato de que essa nova abordagem representaria um “perigo” significativo à estética da expressão e da intuição que durante muitos anos Croce defendeu. Para ele, toda poesia era um ato de “intuição”. A arte não teria qualquer comunicação com a ordem exterior, e por essa razão, a alegoria não seria bem-vinda como chave de interpretação para a *Comédia*, visto que lhe imputava um significado alheio à simples expressão estética. No entanto, com o conceito de figura, Auerbach engenhosamente estabeleceu um sistema de analogias que, à diferença do pensamento alegórico, prescindia da penetração de conteúdos externos à obra, pois “o sentido ‘figural’, se quisermos usar esta

palavra, não é um sentido que seja acrescentado ao literal: ele é o sentido literal!” (MANESCALCHI, R. 2008, p. 12. Minha tradução).

Assim, segundo Manescalchi o silêncio de Croce ante “Figura” e *Mimesis* se explicaria pelo fato de que Auerbach fora bem-sucedido em “continuar no infeliz caminho de repúdio aos conceitos estéticos modernos contra os quais já se tinha aventurado em *Dante als Dichter der irdischen Welt*” (MANESCALCHI, R. 2008, p. 11. Minha tradução). A descoberta desse novo fundamento histórico não indicaria uma mudança de direção, antes, cortaria alguns fios soltos e reafirmaria a ideia segundo a qual o poema de Dante reintroduziu uma forma de realismo literário pautado na unidade essencial entre o homem e seu destino. Este destino, por seu turno, definia-se enquanto realização substancialmente histórica, elemento decisivo da tese de 1929 que a ênfase no dogmatismo da filosofia tomista não conseguiu resolver.

A tradição judaica estaria intrinsecamente atada ao cristianismo ocidental por uma relação de correspondência com a história. O Antigo Testamento prefigurava a Era Cristã, e esta, ao mesmo tempo, preenchia sua figura inicial e anunciava o fim último de todos os homens após a morte. A interpretação figural seria a sistematização daquele impulso por ordem, concordância e unidade que o filólogo identificara como a raiz da *Comédia* em *Dante como poeta do mundo terreno*¹⁰. E da mesma maneira que do ponto de vista teórico “Figura”

¹⁰ A principal referência sobre a época medieval acionada por Auerbach no livro *Dante como poeta do mundo terreno* foi Alois Dempf, notadamente, seu conceito de “concordância” como a base do pensamento, da arte, da política e da vida como um todo no medievo. De acordo com o filósofo, o método científico da escolástica poderia resumir-se à tríade “*auctoritas-Konkordanz-ratio*”. A *Auctoritas* remeteria ao conjunto de verdades já reveladas no passado, as quais a patrística se encarregaria de elucidar; tal processo de clarificação ficaria a cargo da *ratio*, empenhada em traçar convergências lógicas e históricas entre o conteúdo da fé e o mundo. Por seu turno, a concordância equivaleria à forma de exposição escolástica por excelência, responsável por construir o caminho entre as duas pontas da tríade. Seu modo de operação abarcava a proposição de um problema, a apresentação de argumentos e objeções e a crítica a essas objeções. Com isso, os teólogos da igreja esperavam comprovar a harmonia entre a racionalidade da fé e o mundo real-histórico. Consoante Dempf, esta teria

complementou o empreendimento iniciado na década anterior, as motivações hodiernas de sua escrita alimentaram a perspectiva existencial que, desde o início, a obra de Dante oferecia.

O nacionalismo e o antissemitismo enquanto ordens dominantes na Alemanha eram, na verdade, evidências de uma sociedade desorientada e em profunda disjunção com seu fim. Auerbach não acreditava em intervenções radicais e rupturas violentas, mas nem por isso sua relação com o nacional-socialismo refletia conformismo, incompreensão ou inação. Vez ou outra os escritos auerbachianos do exílio apelavam à empatia do leitor com uma súplica esclarecedora: lembrem-se do momento em que foi escrito¹¹. A palavra “antissemitismo” não consta em “Figura”, embora se faça pressentir em todo o texto. Quando no mundo contemporâneo a presença da tradição judaica no tecido do Ocidente foi novamente questionada em função da “standardização” da cultura, uma atitude esclarecida fazia-se necessária.

A filologia românica era essa intérprete da tradição que permitiria decodificar a mensagem deixada por Dante à posteridade, qual seja: o entendimento da cultura europeia como um tecido inteiro, composto de várias estampas, cores e materiais; uma unidade formada a partir da relação dialógica com as manifestações particulares, cuja origem remontava, historicamente, à tradição judaico-cristã. Assim, a proposta nazista de exclusão do Antigo Testamento do cânone cristão, repetindo o projeto de Marcião a partir de outros objetivos, era um sintoma grave da crise europeia, tal como entendida por Auerbach. Ao contrário da crítica modernista que buscou opor à massificação da vida uma experiência estética pautada na completa desestabilização e ruptura

sido a forma do pensamento científico medieval desde o século XII, encontrando plenitude no século seguinte com a *Suma Teológica*. (DEMPF, A. 1958 [1925]).

¹¹ Ottmar Ette ofereceu uma interessante interpretação de *Mimesis* à luz da partilha de uma memória comum entre Auerbach e seus leitores, em: ETTE, Ottmar. *SaberSobreViver: A (o)missão da Filologia*, *op. cit.*, 2015, pp. 53-100.

ante à representação do mundo, o filólogo desejava uma rebelião restauradora. Ele reclamava, a partir de Dante, o reencontro do homem com o mundo, não o mundo de hoje, mas o de ontem.

Ernst R. Curtius: filólogo, político e cosmopolita

O romanista Ernst R. Curtius é decerto um dos principais nomes da Romanística alemã, sobretudo, quando o assunto é a obra de Dante. Ainda que nos escritos da década de 1930 não se registre nenhuma monografia ou investigação mais detida no tema, seu exame tem certa utilidade para a reconstrução da ideia central perseguida pelo autor na segunda fase de sua produção intelectual, quando, enfim, o poeta florentino receberia destaque. Em *Deutscher Geist in Gefahr* (1932) [*O espírito alemão em perigo*]¹² – doravante *DDG* – teríamos um exemplo da maneira como o cenário teórico para a apreciação da poesia dantesca começava a se formular, pois mesmo que o assunto do livro aludisse essencialmente a “uma polêmica contra o sacrifício da *Bildung* alemã” (CURTIUS, E. 1963, p.440. [1950]), as motivações políticas de sua criação lançam uma luz de fato produtiva sobre a presente discussão. Antes de abordá-lo, porém, valeria a pena algumas breves observações acerca de artigos menores, posteriormente reunidos em *Europäische Literatur und lateinisches Mittelalter* (1948) [*Literatura Europeia e Idade Média Latina*], nos quais Curtius explorou os temas da poesia, da teologia e da estética na Idade Média.

Impressionante como o intelecto enciclopédico do autor conferiu a esses textos a robustez de um escrito monográfico, repleto de fontes e consciente da bibliografia crítica contemporânea. E este traço tão peculiar do seu pensamento

¹² Foi consultada a tradução italiana de Annamaria Bercini. Cf. CURTIUS, E. R. “Lo spirito tedesco in pericolo”. In. BERCINI, A; AVELLINI, L. *Il discorso politico culturale del Deutscher Geist in Gefahr di Ernst Robert Curtius*. (Tese de Doutorado). Università di Bologna / Universität Wuppertal, 2015, pp. 235-325.

definiria também o tom, muitas vezes conflituoso, da relação que cultivou com seus pares. Curtius foi um empirista convicto a quem o subjetivismo estilístico capitaneado por Croce e Vossler desagradava profundamente. Fato bastante conhecido, inclusive, foi sua rivalidade com Hugo Friedrich (HAUSSMANN, F. R. 1995) e a oposição que impôs à estética idealista orientada para a obra de Dante nas décadas seguintes (CURTIUS, E. 1942). Com Auerbach, no entanto, o diálogo transcorreu de forma cordial, não obstante, vez ou outra, as diferenças se explicitassem de forma mais aguda em resenhas, artigos e notas de rodapé¹³. Mas fixemo-nos na ambiência dos anos 1930 e nos aspectos mais essenciais da leitura de Curtius sobre Dante.

Como advertência preliminar distinguem-se alguns pontos de apoio da prática filológica do autor, a iniciar-se pela compreensão da literatura como objeto de exame comparativo (CURTIUS, E. R. 1998, p. 31-62 [1948]). Seria próprio da arte escrita um caráter atemporal capaz de atualizar as obras do passado tornando-as sempre relevantes para o presente, por meio de um sistema de inter-relações. Assim, porque um livro evoca inevitavelmente uma cadeia de formas, temas e artifícios progressos, a literatura europeia só poderia ser investigada em conjunto e em perspectiva histórica. Curtius defendia, portanto, uma ciência literária que empregasse os métodos e competências da filologia e da história, a fim de proceder a um estudo empírico, objetivo e comparativo dos textos. Tal método, amparado pela abundância das fontes e materiais deixados

¹³ Esse diálogo só se solidificaria nas décadas de 40 e 50. Em virtude da publicação de *Mimesis*, Curtius escreveu uma resenha bastante dura, à qual Auerbach responderia em seu “Epilegomena zu *Mimesis*” (1953). Por sua vez, ao comentar *Literatura Europeia e Idade Média Latina* Auerbach criticou, dentre outras coisas, a ênfase exagerada do autor à retórica latina como elemento unificador da *Comédia*. Curtius se defendeu da acusação auerbachiana na segunda edição de seu livro (1953), em uma nota de rodapé localizada no capítulo XVII. Para aprofundar-se nessa questão, conferir: RICHARDS, E. J. “Erich Auerbach und Ernst Robert Curtius: der unterbrochene oder der verpasste Dialog?”. In. *Wahrnehmen Lesen Deuten. Erich Auerbach Lektüre der Moderne*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1998, S. 31-62.

pelas sociedades anteriores, demonstraria a “unidade de sentido” da cultura europeia ocidental, edificada sobre a latinidade medieval.

Partindo da ideia de “cultura” proposta por Toynbee, Curtius atestou sua natureza não condicionada, particular e livre. Enquanto forças independentes, as culturas poderiam desenvolver-se isoladamente ou aderir umas às outras a partir de uma origem comum. A Europa teria se estruturado sobre essa segunda capacidade, compreendendo a si mesma enquanto um coletivo singular cuja unidade se expressaria no tempo – através do elo Antiguidade-Medieval-Modernidade – e no espaço, no âmbito dos países influenciados pela cultura latina. Resumidamente, na ótica de Curtius a tradição latina, preponderante nas práticas letradas religiosas e leigas da Idade Média, teria viabilizado a passagem ininterrupta entre as épocas antiga e moderna. Dessa maneira, a unidade da Europa estaria assentada em um sentido histórico, produto de dois complexos culturais que encontraram na latinidade medieval um conteúdo compartilhado. Logo, investigar a natureza desse todo exigia um estudo comparativo das literaturas escritas no longo percurso de sua existência, com especial atenção para o período medieval, pois “[...] a visão histórica da Europa deixa claro que precisamente esse período, como elo entre a Antiguidade decadente e o mundo ocidental que se ia formando lentamente, ocupa uma posição-chave” (Idem, *ibidem*).

Foi nesse amplo horizonte que a obra de Dante ocorreu como tema para Curtius. Em „Das Buch als Symbol in der Divina Commedia“ [“O livro como símbolo na *Divina Comédia*”], texto escrito ainda na década de 1920, ele frisou a maneira como a obra poética dantesca teria explorado a imagem do livro como expressão figurada do saber. Na Idade Média o conhecimento do mundo não seria algo que se pudesse obter por acréscimo, senão que unicamente como assimilação de um conteúdo anteriormente concebido. Nessa lógica, a cognição operava necessariamente por meio da coleta e do acúmulo das informações

passadas pelas autoridades do passado. A leitura simbolizava a aquisição passiva de determinada matéria, enquanto a escrita remetia a uma sabedoria produtiva. Essa especificidade dos tempos medievais, relativa a um conhecimento decorrente da mera reprodução e da cópia, teria ensejado sua permeabilidade à tradição imediatamente anterior, apoiada na retórica antiga, no metaforismo, na filosofia e na arte latinas.

E nesse amplo contexto temos Dante. O herói da *Comédia* seria, na verdade, um estudioso ávido por alcançar e aceitar um repertório espiritual construído pelas autoridades do passado, dentre as quais Curtius destacou Virgílio. Ele citou um par de versos do poema a fim de comprovar o uso, pelo poeta, de imagens figuradas que remeteriam à tropologia latina. Afinal mais do que um jogo com as palavras, esse sistema de analogias demonstraria, e aqui uma referência a Goethe, uma relação de interdependência entre as coisas do mundo herdada dos tempos antigos. Assim sendo, a metáfora do livro como espelho do mundo teria alcançado o mais elevado grau de sublimidade na *D.C.*, pois em seus versos Dante embutiu os símbolos da salvação e do divino.

No mesmo ano em que Auerbach publicava “*Figura*”, Curtius lançava uma série de três artigos, nos quais defendeu a hipótese da latinidade medieval como elo entre as épocas antiga e moderna. Para tanto, investigou a retórica antiga e sua conservação na obra dos teólogos da Antiguidade Tardia, passando pelas tópicas discursivas, pelo metaforismo e pelas poéticas e gêneros literários, citando autores exemplares de ambos os períodos. As menções a Dante, especificamente, não foram muitas. Interessante seria a opinião que Auerbach expressou acerca desses escritos ao recomendá-los a Martin Hellweg:

Você leu os artigos de Ernst Robert Curtius sobre a *Idade Média*, que apareceram no *Zeitschrift für Romanische Philologie* e foram publicados em parte por Rothacker e Schalk? Eles contêm inúmeras abjurações *[entsagungsvolle]*, mas

são essenciais e muito bem construídos (AUERBACH, E. et. el. 2007, p. 756. Minha tradução).

A opinião de Auerbach é bastante clara no documento: metodologicamente, recomenda a leitura de *Figura*, mas não nega a excelência dos argumentos de Curtius se vistos como um todo. E o que significa esse todo? Justamente a cultura ocidental europeia construída como continuidade. Mas a maneira como essa continuidade foi construída se expressa de maneiras muito diferentes em seus textos.

Diverso em suas motivações e objetivos seria *DGG*, publicado em 1932, o qual definiria uma mudança de direção na carreira de Curtius, anteriormente orientada para o estudo da modernidade. A partir desse momento até o fim de sua vida ele se ocuparia necessariamente da Idade Média, desenvolvendo as hipóteses que, pelo bem da concisão, foram apenas pontuadas. Consoante o crítico Carlo Donà, *DGG* foi um livro bastante controverso em sua época, e mesmo tendo alcançado sucesso imediato entre a vasta cartela de leitores cultivada por seu autor, rapidamente viu-se “ultrapassado pelos tempos”. Pouco conhecido e traduzido ainda hoje, esse escrito esconderia uma importância imensa, pois “é neste livro de assunto alemão e contemporâneo que a Idade Média erudita e ‘romana’ de Ernst Robert Curtius tem suas raízes mais profundas” (DONÁ, C. 2011, p. 40). Donà identificou perfeitamente a verdadeira razão para o fascínio de Curtius pela época medieval: tratava-se menos de compreender as questões daquele tempo, em sua lógica própria, do que examiná-las enquanto um “assunto alemão e contemporâneo”. Essa especificidade de seu pensamento lhe renderia algumas críticas (T. S. ELIOT, 1932, p. 73-79), analisadas por Spitzer da seguinte maneira:

Seus adversários entre os filólogos o rotulam de “jornalista”: eles sentem, de fato, que o Sr. Curtius não observa – ou não observa mais – os fenômenos exclusivamente pelo que eles são em si

mesmos, eternamente, mas pelo valor vital que eles têm hoje e pelas forças que emanarão deles amanhã [...] (SPITZER, 1932, p. 592. Minha tradução)

E o motivo para isso estaria muito claro;

o Sr. Curtius está em busca dos poderes espirituais que dominam os tempos. Ele é um filólogo que conhece o passado como poucos de seus colegas, e dissimula sua ciência; mas além de filólogo ele é, também, um político. Ele é um político, todavia não um nacionalista do tipo do Sr. Wechsler, mas um político cosmopolita do espírito que carrega o ministério da defesa do espírito ocidental, não de um determinado Estado ou povo, mas de toda a civilização (Idem, *ibidem*)

Algumas poucas palavras são necessárias a respeito desse “filólogo político” antes de prosseguir. Intelectuais ligados ao nacional-socialismo reagiram negativamente a DGG, pois em seu entendimento o estudo promovia um ataque ao partido, o que sem dúvida refletia uma opinião exagerada¹⁴. Curtius foi um conservador declarado, anticomunista e antidemocrático – definitivamente não compactuou com o nazismo, embora estabelecesse com ele uma atitude ambígua. No primeiro capítulo intitulado “Bildungsabbau und Kulturhass” [“Demolição da *Bildung* e ódio pela cultura”] essas questões ficaram bastante evidentes. O bolchevismo e sua avidez por destruir a ordem social, a palidez da burguesia e as vanguardas artísticas, com seu despreço pelos clássicos, seriam os grandes protagonistas de uma vontade deliberada de demolição da *Bildung* no ocidente. É curioso notar que, para Curtius, esse ímpeto de destruição tinha raízes primordialmente políticas, sendo parte de uma agenda partidária popular e destrutiva. “Neste sentido, a demolição da *Bildung* é a expressão de um verdadeiro ódio à cultura atuando em nível político, o que

¹⁴ Para a recepção de DGG, cf: RICHARDS, E.J. *Modernism, Medievalism and Humanism*, A Research Bibliography on Ernst Robert Curtius. Tübingen: Nyemeier, 1983.

ocorre de uma forma colossal na Rússia. Até agora, na Alemanha, o ódio da política pela cultura não se atreveu a sair à tona.” (CURTIUS, E. R. 2015, p. 247. [1932])

Ao que parece, o nacional-socialismo não lhe dava a impressão de ameaça à cultura ocidental tanto quanto o bolchevismo, apesar de a expressão desse nacionalismo soar-lhe degenerada pela cólera do tempo. Para Curtius era fundamental defender a integridade da *Bildung*, porque nesse princípio se esconderia o elemento comum, através do qual as nações europeias poderiam conservar sua unidade. Segundo o autor, na transição da Antiguidade para a Idade Média, a romanização e a cristianização dos povos sob influência do Império Romano teria sido um eficaz instrumento para a coesão e a continuidade da cultura ocidental. A tradição latina teria se solidificado nas universidades e na produção erudita como um todo, definindo os traços culturais do espírito que a Modernidade receberia como herança. No entanto, atestou o autor, os rancores políticos e as emergências econômicas do agora representavam um grave perigo à sobrevivência desse espírito universal. As universidades perdiam cada vez mais a liberdade em virtude das intromissões do Estado, interessado em substituir sua aspiração humanista por um utilitarismo técnico.

A maneira mais adequada de combater o ódio à cultura seria, para Curtius, o seu extremo oposto – o amor: “somente de uma fé ética ou religiosa podem provir as mais profundas forças do amor, necessárias para uma nova humanidade alemã” (Idem, p. 250. Minha tradução). Assim sendo, a saída para a crise do mundo moderno exigiria um retorno conservador, um resgate dos valores do amor, da fé e da ética incorporados pelo cristianismo à tradição latina, e nesse sentido, a *Divina Comédia* seria um poema programático. Ao recuperá-lo no presente, Curtius promovia um esforço de conservação e sobrevivência do ideal humanista da *Bildung* frente à “destruição” da política e da arte na modernidade. Na Idade Média latina e nas obras produzidas nesse período

residiria o princípio da unidade de sentido da cultura europeia que ele tanto almejava para o presente.

Assim como “Figura”, *DGG* foi escrito em razão dos acontecimentos políticos hodiernos. A Idade Média assumia as feições de um “passado contemporanizado”¹⁵ de cuja análise o esclarecimento do presente necessitava. Ambos os textos opuseram à fragmentação da arte e aos extremismos políticos um retorno conservador que a ideia de humanismo camuflava. Para Auerbach, o mundo desejado era o da concordância, da ordem e da certeza, onde o destino dos homens determinava-se com base em suas ações, jamais em uma arbitrariedade biológica – como apregoava o nacional-socialismo e a ideologia ariana. Curtius, por sua vez, temeu o desmantelamento das ordens políticas tradicionais, o cientificismo míope e utilitário praticado nas universidades e a estética destrutiva das vanguardas modernas. Igualmente perigoso para a sobrevivência do espírito universal alemão, a democracia mostrava-se cada vez mais um modelo fracassado. Urgia, então, retroceder aos tempos da latinidade medieval através do estudo de sua literatura, a fim de proteger a unidade e a continuidade da cultura europeia ocidental de sua iminente desagregação.

Considerações finais

A noção de unidade e continuidade enquanto fundamentos da cultura europeia, e o papel de Dante como o elo entre os tempos antigo e o moderno, norteou os estudos de Erich Auerbach e Ernst R. Curtius na década de 1930. Quanto ao segundo, embora sua investigação mais substancial no tema pertença às duas décadas seguintes, um breve relance sobre a produção dos anos 1930 permitiria identificar a maneira como, para ele, o presente caracterizou-se nos

¹⁵ O conceito é de Jan Assmann em seu estudo sobre a construção da “memória cultural”. Ver: ASSMANN, J. “Collective Memory and Cultural Identity”. In: *New German Critique*, No. 65, Cultural History/Cultural Studies (Spring - Summer, 1995), pp. 125-133.

termos de uma crise da *Bildung*. A superação deste quadro demandaria, então, um retorno aos princípios fundamentais da Idade Média, uma saída semelhante àquela apontada por Erich Auerbach em “*Figura*”. No entanto, para este, tais princípios pautavam-se nos ideais de concordância e ordem, que permitiriam inscrever de maneira inelutável as tradições judaica e cristã na história ocidental.

Embora nos anos seguintes a interpretação de Curtius se mostrasse bastante diversa em relação à de Auerbach, era nítido o lugar onde elas convergiam: na visão da *Comédia* enquanto a antecâmara para um mundo não mais acessível, cujo conteúdo espiritual guardava, para além de um valor poético incontestado, as possibilidades de correção da crise moderna. Tal propósito, nos escritos tardios auerbachianos e no Livro *Deutscher Geist im Gefahr*, passaria de simples perspectiva à execução de um projeto, distinto e inadiável, de tradução e reincorporação desse mundo no presente. A vitalidade desse panorama devolveria à filologia românica sua cor original, embotada pelas consequências políticas e epistemológicas do nacionalismo de Weimar e da filologia cientificista dos anos do nacional-socialismo. Pois, a despeito de no século XX percorrer um caminho contrário, a romanística teria se constituído, em sua origem, sobre a premissa de uma comunidade linguística e cultural. E então, por intermédio de Dante, a redescoberta da categoria da unidade como preceito prático-analítico exprimiria tudo aquilo que se deveria esperar de um *filólogo europeu*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUERBACH, Erich. **Dante als Dichter der irdischen Welt**. Berlin: De Gruyter, 2001.

AUERBACH, E. „**Figura**“ (1938). In: *Gesammelte Aufsätze zur romanischen Philologie* hrsg von Matthias Bormuth und Martin Vialon. Tübingen: Francke Verlag, 2018.

AUERBACH, E. „**Zur Dante-Feier**” (1921). In: BARCK, K.; TREML, M. org. Erich Auerbach. *Geschichte und Aktualität eines europäischen Philologen*. Berlin: Kulturverlag Kadmos Berlin, 2007, pp. 407-409.

AUERBACH, E. **Introdução aos estudos literários**. José Paulo Paes (Trad.). São Paulo: Cosac&Naify, 2015.

AUERBACH, E. „**Philologie der Weltliteratur**”. In: *Weltliteratur*. Festgabe für Fritz Strich. Berna: Francke, 1952.

AUERBACH, E. **Literary Language and Its Public in Late Latin Antiquity and in the Middle Ages**. New York: Bollingen Foundation, 1965.

AUERBACH, Erich, et al. “**Scholarship in Times of Extremes: Letters of Erich Auerbach (1933-46), on the Fiftieth Anniversary of His Death.**” *PMLA*, vol. 122, no. 3, 2007, pp. 742-762.

ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1998. Trad. Ítalo Eugênio.

ASSMANN, J. “**Collective Memory and Cultural Identity**”. In: *New German Critique*, No. 65, Cultural History/Cultural Studies (Spring - Summer, 1995), pp. 125-133.

AQUINO, S. T. **Suma Teológica**. Vol I-IX. Tradução: Carlos-Josaphat P. de Oliveira et al. São Paulo: Ed. Loyola, 2002.

AQUINO, São Tomás de. **O apetite do bem e a vontade: quaestiones disputatae de veritate: questão 22**. Tradução de Paulo Faitanin e Bernardo Veiga. São Paulo: Edipro, 2015.

BOVÉ, Paul A. **Intellectuals in power: a genealogy of critical humanism**. New York: Columbia University Press, 1988.

BOVÉ, Paul A. “**Continuando la conversación**”. In: BHABHA, Homi K. Edward Said, *Continuando la conversación*. Trad. Laura Wittner. Buenos Aires: Paidós, 2006.

COSTA LIMA, L. **Figura e evento**. In: UERJ. 5º Colóquio UERJ: Erich Auerbach. Rio de Janeiro: Imago, 1994. p. 219-229.

COSTA LIMA, L. **“Entre realismo y figuración”**. In: *Historia y grafía*, nº32, 2009, p. 109-129.

CURTIUS, E. R. **Literatura europeia e Idade Média Latina**. (1948). Trad. Teodoro Cabral. São Paulo: Edusp, 2013.

CURTIUS, E.R. **Kritische Essays Zur Europäischen Literatur**. (1950) Bern und München: Franke Verlag, 1963.

CURTIUS, E. R. **„Das Buch als Symbol in der Divina Commedia.“** In: FS Paul Clemen. Bonn: Seligman, Leopold Publ. 1926, p. 44-54.

CURTIUS, E. R. **„Zur Literaturästhetik des Mittelalters III. Vorgeschichte der mittelalterlichen Poetik (von Diomedes zu Beda)“**. In: *Zeitschrift für romanische Philologie*, vol. 58. Tübingen, 1938. p. 433-479.

CURTIUS, E. R. **„Zur Literaturästhetik des Mittelalters II. 1. Begriff einer historischen Topik“** In: *Zeitschrift für romanische Philologie*, vol. 58. Tübingen, 1938. p. 129-232.

CURTIUS, E. R. **„Zur Literaturästhetik des Mittelalters“** In: *Zeitschrift für romanische Philologie* vol. 58. Tübingen, 1938. p. 1-50, 129-232, 433-479.

CURTIUS, Ernst Robert. **“Zur Danteforschung.”** *Romanische Forschungen*, vol. 56, no. 1/2, 1942, pp. 3–22.

CURTIUS, E. R. **“Lo spirito tedesco in pericolo”**. In. BERCINI, A; AVELLINI, L. *Il discorso politico culturale del Deutscher Geist in Gefahr* di Ernst Robert Curtius. (Tese de Doutorado). Università di Bologna / Universität Wuppertal, 2015, pp. 235-325.

CROCE, B. **“Una difesa tedesca di Dante nel 1763”**. *La Critica*, XVIII (1920).

CROCE, B. **Estética como ciência da expressão e linguística geral. (1902)**. São Paulo: É! Realizações. 2016. p. 107-114. Giuseppe Galasso (org). Trad: Omayr José de Moraes Júnior.

DEMPF, A. **La conception del mundo en la Edad Media**. Trad. José Pérez Riesgo. Madrid: Editorial Gredos, 1958.

DONÀ, C. **“Lo spirito tedesco e la crisi della mezza età: «Deutscher Geist in Gefahr» (1932)”**. In: Ernst Robert Curtius e l'identità culturale dell'Europa, atti

del XXXVII convegno interuniversitario Brixen-Innsbruck, 13-16 luglio 2009, Padova, Esedra, 2011, pp. 39-56.

ETTE, Ottmar. **Saber Sobre Viver: A (o)missão da Filologia**. Curitiba: Editora UFPR, 2015.

HANSEN, J. A. Alegoria. **Construção e Interpretação da Metáfora**. São Paulo: Atual, 1987.

HAUSSMANN, F. R. **“Curtius, Hugo Friedrich et l’interprétation de Dante”**. In: Ernst Robert Curtius et l’idée d’Europe. Jeanne Bem et André Guyaux ed. Paris: Champion, 1995.

KONUK, K. **East West Mimesis: Auerbach in Turkey**. Stanford, CA: Stanford University Press, 2010.

KONUK, K. **“Erich Auerbach And The Humanist Reform to The Turkish Education System”**. In: Comparative Literature Studies. Vol. 45, No. 1, 2008, pp. 74-89.

MANESCALCHI, R. **“Del silenzio di Croce (e di altri) sul “figurale” di Auerbach”**. In: Campi immaginabili, Fascicoli I-II/ Anno 2008, pp. 5-23.

PORTER, J. I. **“Introduccion”**. In: AUERBACH, E. Time, History and Literature. Selected Essays of Erich Auerbach. New Jersey: Princeton University Press, 2014.

PORTER, James I. **“Disfigurations: Erich Auerbach’s Theory of Figura”**. In: **Critical Inquiry**, 2017, pp. 80-113.

RICHARDS, E. J. **Modernism, Medievalism and Humanism, A Research Bibliography on Ernst Robert Curtius**. Tübingen: Nyemeier, 1983.

RICHARDS, E. J. **“Erich Auerbach und Ernst Robert Curtius: der unterbrochene oder der verpaßte Dialog?”** In: Wahrnehmen-Lesen-Deuten, Erich Auerbachs Lektüre der Moderne. Frankfurt: Klostermann, 1998, pp. 31-62.

RICHARDS, E. J. **“Ernst Robert Curtius and Dante as a Reader of Medieval Latin Authors”**. In: Writers reading writers: intertextual studies in medieval and early modern literature in honor of Robert Hollander. Newark: University of Delaware Press, 2007, pp. 133-148.

ROSENBERG, A. **Der Mythos des XX. Jahrhunderts**. München: Hoheneichen-Verlag, 1943.

SAID, Edward. **“Erich Auerbach, Critic of the Earthly World”**. *Boundary 2*, Summer (2004), 31 (2). pp. 11-34.

SAID, Edward. **“Introduction to the Fiftieth-Anniversary”**. In: AUERBACH, E. *Mimesis. The Representation of Reality in Western Literature*. Princeton, N.J: Princeton University Press, 2003, p. i-xxiv.

SCHLEGEL, August Wilhelm. **„Über Dante und die göttliche Komödie“**. In: BÜRGER, G. A. *Akademie der Schönen Redekünste*, vol.1, parte 3, 1791. p 239-301.

SPITZER, Leo. **Linguistics and literary history; essays in stylistics**. New Jersey: Princeton University Press, 1970

SPITZER, L. **»L'état actuel des études romanes en Allemagne«**. In: *Revue d'Allemagne*, 6, 1932, pp. 572-595.

TERTULIANO. **“The Five Books Against Marcion”**. Translated by Dr. A. M. Overett Holmes. In: *Ante-Nicene Fathers*. Michigan: WM Eerdmans Publishing Company, 1885.

T. S. Eliot. **“A Commentary”**. In: *The Criterion*, 12 (1932), 73-79.

VIALON, Martin. **„Die Stimme Dantes und ihre Resonanz. Zu einem bisher unbekanntem Vortrag Erich Auerbachs aus dem Jahr 1948“**. In: *Erich Auerbach. Geschichte und Aktualität eines europäischen Philologen*. Hrsg. Von Karlheinz Barck/Martin Treml, Berlin 2007, p. 46-56.

VIALON, M. **The Scars of Exile: “Paralipomena concerning the Relationship between History, Literature and Politics – Demonstrated in the Examples of Erich Auerbach, Traugott Fuchs and their circle in Istanbul”**. In: *Yeditepe'de felsefe*, 2, 2003, pp.191-246.

WAIZBORT, L. **“Erich Auerbach sociólogo”**. In: *Tempo Social*, vol 16, n. 1. São Paulo, junho de 2004.

ZAKAI, A. **Erich Auerbach and the Crises of German Philology: The Humanist Tradition in Peril**. Switzerland: Springer International Publishing, 2017.

ZAKAI, A.; WEINSTEIN, D. **“Erich Auerbach and His "Figura": An Apology for the Old Testament in an Age of Aryan Philology”**. In: *Religions*, 3, 2012, pp. 320-338.

Recebido em Setembro de 2022.

Aprovado em Novembro de 2022.